

PREVALÊNCIA DE SINTOMAS MUSCULOESQUELÉTICOS EM TRABALHADORES DE UMA EMPRESA DE CONFECÇÃO EM SALVADOR-BAHIA

Roberto Rodrigues B. T. Maciel¹
Daniel Sant'Ana Coelho²
Rodrigo Barros Bacellar³

RESUMO

Os trabalhadores lojistas desempenham diversas funções, além de permanecerem em postura estática por tempo prolongado. A manutenção dessas posturas por tempo excessivo é desconfortável e prejudicial, podendo até ser lesiva ao trabalhador. O presente estudo consiste numa pesquisa de campo de corte transversal realizada em uma empresa de confecções situada na cidade de Salvador-Bahia que objetivou conhecer dados epidemiológicos relativos a esta atividade laboral, tendo como instrumento de avaliação o Questionário Nórdico. Observou-se prevalência elevada de sintomas musculoesqueléticos entre os funcionários estudados (90%). O gênero masculino apresentou maior prevalência de sintomas musculoesqueléticos, tanto nos últimos 07 dias, quanto nos últimos 12 meses. Em relação às regiões anatômicas, as maiores queixas foram em membros inferiores. Dos 80 funcionários que apresentaram sintomas musculoesqueléticos, 35% dos funcionários relataram limitações para realizar atividades domésticas, trabalho e de lazer. Portanto, fica evidenciado, através de dados epidemiológicos, a real situação que se encontra uma parcela de trabalhadores lojistas, propiciando um despertar para novos estudos, garantindo, assim, a saúde do trabalhador.

Palavras chave: Saúde do Trabalhador. Prevalência. Sintomas Musculoesqueléticos.

ABSTRACT

Shop assistants perform several functions and can remain in a static position for long periods. To maintain these positions for long is uncomfortable and harmful, potentially detrimental to the worker. The present field research study consists of a cross-section of a clothing company located in the city of Salvador, Bahia. Its aim was to identify epidemiological data related to work activity and use as an evaluation tool, the Nordic Questionnaire. The prevalence of high musculoskeletal symptoms among the workers studied was (90%). The males had a higher prevalence of

¹ Fisioterapeuta- Mestre em Ciências- Ortopedia e Traumatologia (FMUSP).Docente do Centro Universitário Estácio- FIB/BA. (71) 8773 392/ robertorbtm@hotmail.com.

² Fisioterapeuta.

³ Fisioterapeuta.

musculoskeletal symptoms, both in the last 07 days, as in the past 12 months. In relation to anatomical regions, the most common complaints were in the lower limbs. Of the 80 employees who had musculoskeletal symptoms, 35% of employees reported limitations when performing household chores, work or leisure activities. Therefore, it is evident through the epidemiological data that a section of the workforce need to become aware of the facts, thus ensuring their health.

Key Words: Occupational Health. Prevalence. Musculoskeletal Symptoms.

INTRODUÇÃO

Ao longo da história, o trabalho tem modificado e transformado o homem, na sua maneira de agir e pensar, de modo que preenche e valoriza sua vida, dando condições necessárias para adquirir a liberdade, seja financeira, pessoal ou profissional. Porém, no ambiente de trabalho, na execução da atividade, o corpo sofre influências do tipo de trabalho, da função a ser executada e da forma de organização desse trabalho, o que pode prejudicar a saúde do trabalhador. (RIBEIRO; LÉDA, 2005).

No Brasil, os gastos anuais com saúde ocupacional são superiores a 20 bilhões de reais, o que inclui aposentadoria, indenizações, tratamentos médicos e doenças relacionadas às atividades laborais, dentre elas as doenças oriundas do aumento dos níveis de estresse (AMERICANO, 2000, apud SOUZA, 2006).

Os trabalhadores do ramo lojista desempenham diversas funções como vender, arrumar estoque e vitrine, reposição de mercadoria, transportando-a por todo ambiente da loja, além de sofrerem constante pressão do empregador para obtenção de metas e quotas estabelecidas pelas empresas. Ferracini e Valente (2010) afirmam que, com as longas jornadas e a competitividade do mercado, os trabalhadores podem desencadear sintomas musculoesqueléticos resultando num baixo rendimento da produtividade.

Os sintomas musculoesqueléticos vêm sendo objeto de estudos em diversas categorias profissionais como: bancários, enfermeiros, trabalhadores da indústria têxtil, cirurgiões, dentistas, eletricitas, dentre outros, porém, estudos em funcionários de empresas de confecções são escassos. Desta maneira, o conhecimento das características do trabalho desses profissionais pode fornecer subsídios para o desenvolvimento de ações e medidas que visem melhorias nas

condições de trabalho, reduzindo o desenvolvimento dos distúrbios musculoesqueléticos.

O aparecimento de dor e parestesia em partes do corpo funcionam como um mecanismo de defesa do organismo, comunicando ao cérebro que os tecidos podem estar em perigo, mesmo que seja desencadeado sem que haja algum dano físico. Esses sintomas estão relacionados também ao humor, experiências anteriores, crenças, atitudes, conhecimentos e significados simbólicos atribuídos. Essas manifestações alteram a funcionalidade física e o estado emocional do ser humano, prejudicando a capacidade de desenvolvimento no trabalho e a qualidade de vida (SILVA, 2007).

Existem diversos instrumentos utilizados para avaliação de sintomas músculo-esqueléticos. (PINHEIRO, TRÓCCOLI e CARVALHO 2002). Dentre eles, pode-se destacar o Questionário Nórdico (QN), em três formas: uma geral, compreendendo todas as áreas anatômicas, e outras duas específicas, para região lombar e outra para pescoço e ombros. A forma geral do QN foi a utilizada no presente estudo, devido principalmente ao que tange à adaptação cultural para a língua portuguesa realizada por Barros e Alexandre (2003), cujo objetivo principal é identificar os sintomas musculoesqueléticos em regiões anatômicas de trabalhadores. O QN é composto, basicamente, por perguntas simples e de fácil aplicação, relacionadas à dor, parestesia e alterações da sensibilidade que antecedem a análise, do último ano e/ou da última semana, em que o funcionário trabalhou, bem como relata a ocorrência de afastamento das atividades rotineiras no último ano.

Considerando que os sintomas musculoesqueléticos podem comprometer o desempenho dos trabalhadores, em maior ou menor intensidade, dependendo da influência dos fatores organizacionais e pessoais, torna-se de grande valia o estudo baseado no QN, pois pode auxiliar no monitoramento da ocorrência de doenças advindas de tais sintomas.

Nesse sentido, vale registrar o posicionamento de Volpi (apud JORGE, 2003) ao afirmar que a manutenção de tempo excessiva em postura sentada e/ou em pé é desconfortável, e que por um longo período torna-se prejudicial, podendo até ser lesiva ao trabalhador.

Os distúrbios musculoesqueléticos são desencadeados por uma gama de doenças inflamatórias e/ou degenerativa, dentre elas: as tendinites, bursites, mialgias e perturbações funcionais. Ocorrem, principalmente, em trabalhadores que

permanecem por tempo prolongado em postura estática e executam movimentos repetitivos. Portanto, é de suma importância que as empresas programem estratégias para reduzir as incidências desses distúrbios durante a execução das atividades laborais. (BARR, BARBE; CLARK, 2004).

Os trabalhadores lojistas que permanecem mais tempo no seu ambiente de trabalho do que no seu próprio lar e são submetidos a horas extras acabam comprometendo sua saúde pela necessidade de complementação salarial, permanecendo em postura estática por tempo prolongado (JORGE, 2003).

Existem diversos fatores de riscos associados a dores nas mais diversas regiões anatômicas do corpo, sendo classificados em riscos individuais e em riscos profissionais. Os fatores relacionados aos riscos individuais são: a idade, o sexo, o índice de massa corporal, a força muscular, coordenação e a presença de outras patologias. Os fatores relacionados aos riscos profissionais, seguindo a classificação de Mota, Dultra e Barbosa, (2007) são: as movimentações e posturas adotadas pelo trabalhador e a exigência específica na realização de determinada tarefa, decorrente da inadequação no ambiente de trabalho.

Dessa forma, os sintomas musculoesqueléticos podem ocasionar o afastamento dos trabalhadores do exercício regular da profissão, trazendo prejuízos às empresas e à sociedade, sob um ângulo geral. Assim sendo, é importante conhecer dados epidemiológicos relativos às mais diversas atividades laborais, pois, pode ser fundamental para futuras ações de prevenção, planejamento, organização, direção e até mesmo ações específicas de reabilitações físicas, já que o trabalho assume papel central na vida das pessoas.

Portanto, o objetivo do estudo é, precisamente, determinar a prevalência de sintomas musculoesqueléticos entre profissionais de uma empresa de confecção, bem como comparar o perfil de homens e mulheres no se refere à sintomas musculoesqueléticos e estratificar a prevalência de acordo com os diversos segmentos corporais.

MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de um estudo de corte transversal, realizado em duas etapas. A primeira etapa consistiu na revisão da literatura com a utilização de artigos publicados em língua estrangeira e portuguesa, nas bases de dados BVS, Scielo,

Lilacs, Medline, Pubmed e Bireme no período de 1999 a 2011. Foram utilizadas as seguintes palavras chaves: Saúde do Trabalhador; Prevalência e Sintomas Musculoesqueléticos. A segunda etapa constituiu na pesquisa de campo realizada em uma empresa de confecções, situada na cidade de Salvador-Bahia. Foi estabelecido como critério de inclusão, para participar do estudo, aceitar assinar o termo de consentimento livre e pré-esclarecido e em seguida responder às questões que constavam no questionário. Dos 102 funcionários identificados, 13 não consentiram participar da pesquisa, restando, portanto, 89 funcionários, 51 homens e 38 mulheres.

Desta forma, os sujeitos da pesquisa preencheram individualmente o Termo de Consentimento Livre e Pré-Esclarecido, e em seguida a ficha de avaliação referente às características sociodemográficas, características do trabalho, presença de patologias crônicas e o Questionário Nórdico. Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos do Centro Universitário Estácio da Bahia, parecer 309. Foi realizada a estatística descritiva das variáveis. Os dados foram gerados através de gráficos realizados através do programa Microsoft Excel 2007.

RESULTADOS / DISCUSSÃO

Dos 89 funcionários entrevistados, apenas 9 não relataram sentir algum dos sintomas musculoesqueléticos, (Gráfico 1). Registre-se que 42,70% dos funcionários pertenciam ao gênero feminino e 57,30% ao gênero masculino. Vale expor, também, que 60,7% dos funcionários possuíam idade menor ou igual há 25 anos, e os outros 39,3% tinham idade maior que 25 anos. Por fim, apenas 23,4% dos participantes relataram ter realizado consulta a algum profissional de saúde, devido ao referido problema.

A título de comparação com a pesquisa de campo realizada no presente trabalho, o estudo efetuado por Ghiotto e Saraiva (2011), com 163 trabalhadores em uma empresa metalúrgica na Serra Gaúcha, cujo objetivo era determinar a prevalência de sintomas musculoesqueléticos, constatou uma alta predominância da sintomatologia: 93,4% (n=164) dos trabalhadores apresentaram dor, desconforto ou dormência nos últimos doze meses. Apenas 6,6% (n=9) dos pesquisados não apresentaram sintomas musculoesquelético, chegando à conclusão, após análise

dos sintomas, que a alta prevalência de sintomas musculoesqueléticos estava associada à posição de trabalho em pé.

No estudo de Fernandes, Rocha, Oliveira (2009), realizado com 242 professores, com idade média de 43,24 anos, houve uma elevada prevalência de sintomas musculoesqueléticos (93%), sendo que apenas 51,5% procuraram algum profissional da área de saúde para cuidar do problema. Os autores chamam atenção para o possível impacto que a sintomatologia osteomuscular pode ter na qualidade de vida desses trabalhadores e da necessidade de implantação de políticas públicas que tenham como objetivo a promoção da saúde, reduzindo, assim, a prevalência de sintomas musculoesqueléticos.

Essa alta prevalência encontrada, nas mais diversas áreas estudadas, pode estar associada a diversos fatores do dia a dia de trabalho desses profissionais, que executam movimentos repetidos, longas jornadas de trabalhos, favorecendo o aparecimento de sintomas musculoesqueléticos.

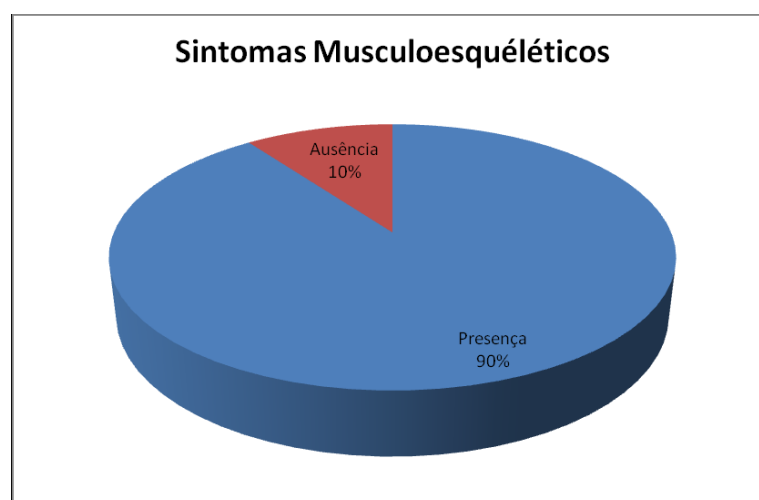


Gráfico 1: Prevalência global de sintomas musculoesqueléticos.
Fonte: Pesquisa de campo, 2012.

Siqueira, Silva e Vieira (2010), pesquisando os sintomas musculoesqueléticos prevalentes nos profissionais da área de saúde, verificaram que, no estágio realizado durante o curso de odontologia, havia uma alta frequência de dores musculoesqueléticas associada a carga horária diária de trabalho. Além disso, constataram, também através do estudo envolvendo 43 estudantes que houve uma alta prevalência de algia (93,02%), sendo que o objetivo era investigar, tão somente, a ocorrência de dores musculoesqueléticas.

Nesse sentido, Brandão, Horta e Tomasi (2005) afirmaram que o efeito do trabalhador sadio é um viés de seleção em estudos epidemiológicos que tendem a subestimar a ocorrência dos problemas de saúde, pois os trabalhadores em atividade seriam mais saudáveis e aptos para o trabalho do que os não inseridos no mercado.

Já os resultados do presente estudo revelaram que as regiões corporais mais afetadas pelos sintomas musculoesqueléticos, nos funcionários lojistas, foram em membros inferiores, tanto nos últimos doze meses, quanto nos últimos sete dias, sendo a maior prevalência na região de tornozelos/pés (GRÁFICO 2).

Outras pesquisas também encontraram resultados semelhantes, aos identificados com o trabalho, mas em trabalhadores de diferentes áreas de atuação. Por exemplo, Fonseca, Serranheira (2006) avaliaram os sintomas musculoesqueléticos em 507 enfermeiros, no meio hospitalar, e encontraram, nos últimos 12 meses, uma alta prevalência de desconforto musculoesqueléticos, 427 (84%), prevalecendo na região de tornozelos/pés, e nos últimos sete dias, na região do cotovelo. Essa alta prevalência encontrada, sugere que pode estar relacionada às atividades em serviços sem apoio de equipamentos mecânicos de transferência de doentes.

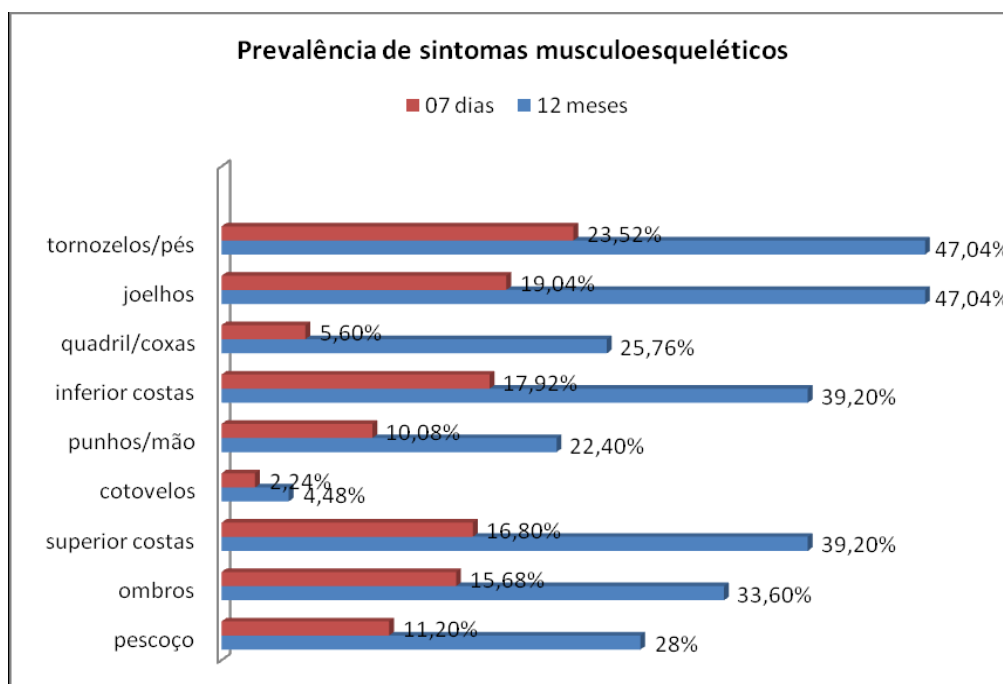


Gráfico2: Prevalência de sintomas musculoesqueléticos em regiões anatômicas nos últimos 12 meses e últimos 7 dias.

Fonte: Pesquisa de campo, 2012.

No estudo realizado em uma grande empresa, em Portugal, com 574 funcionários, verificou-se uma alta prevalência de sintomas musculoesqueléticos, nos últimos doze meses, na região da coluna cervical (83,04%) e nos joelhos (71,22%), já nos últimos sete dias, prevaleceram as regiões de joelhos (35,29%) e de punhos/mãos (32,8%). Serranheira et al (2003) afirmaram que seria necessário a intervenção ergonômica no ambiente de trabalho dos funcionários da empresa para minimizar o aparecimento de sintomas musculoesqueléticos.

Maciel, Fernandes, Medeiros (2006) constataram, no estudo em uma indústria têxtil, com 162 trabalhadores, que realizavam funções diversas, como a preparação da frente, montagem, preparação do ambiente, acabamento e trabalhos manuais, a presença de dor, sendo que 61 funcionários relataram ausência de quadros álgicos ou sentiam dores em apenas uma região corporal, enquanto que 101 (62,3%) funcionários referiram sintomatologia dolorosa em mais de um local. Às regiões de maiores queixas de dor, são: nas regiões cervical, torácica, pernas e ombros, respectivamente. Também afirmaram que os principais fatores de riscos individuais predisponentes aos quadros álgicos são as experiências patológicas anteriores e sintomas similares em outras partes do corpo.

Dionísio et al (2011) realizaram uma pesquisa em uma empresa de distribuição de materiais, num hospital do estado de Minas Gerais, onde detectaram desconforto musculoesqueléticos, nos últimos doze meses, nas regiões do pescoço, ombros e punhos/mãos e nos últimos sete dias, nas regiões do pescoço, braços, punhos/mãos.

Considerando as regiões mais acometidas, relatadas nos diversos estudos citados acima, pode-se perceber que os distúrbios musculoesqueléticos estão presentes na população ativa, o que comprova a subestimação da possibilidade do surgimento de problemas de saúde, principalmente sintomas musculoesqueléticos, pelos trabalhadores saudáveis, assim como bem ponderou Brandão, Horta e Tomasi (2005). Na comparação entre os gêneros, os resultados deste estudo mostram que os homens apresentam as maiores prevalências de sintomas musculoesqueléticos, tanto nos últimos doze meses, quanto nos últimos sete dias (Gráfico3).

Estudos sobre o trabalho dos lojistas associado à sintomas musculoesqueléticos são escassos na literatura, o que dificulta aferir este tipo de relação entre os gêneros masculino e feminino. Estudos envolvendo outras

atividades profissionais sugerem que as mulheres estão mais susceptíveis ao desconforto músculoesquelético em comparação aos homens, e isto pode ser explicado principalmente por três fatores: o primeiro está relacionado à força física, que é menor nas mulheres do que nos homens; o segundo está relacionado à dupla jornada de trabalho, na empresa e em casa, ocorrendo redução do período de descanso e sobrecarga nos tecidos músculoesqueléticos; o terceiro, ao planejamento das estações de trabalhos, que são inadequadas para as mulheres, pois são projetadas com base em medidas antropométricas de homens, acarretando posturas inadequadas, aumentando os riscos para o desenvolvimento dos sintomas.(Campos 2011).

Contudo, comparando a sintomatologia músculoesquelética entre os gêneros, percebeu-se que tanto os homens quanto as mulheres apresentaram elevadas prevalência de desconfortos músculoesqueléticos. Afonso (2011), em uma pesquisa com 34 estudantes, 34 dentistas e médicos, observou maior prevalência dos sintomas músculoesqueléticos no gênero feminino, tanto nos últimos doze meses, como nos últimos sete dias, e reconheceu a necessidade da execução de exercícios de relaxamento e alongamentos ao longo do dia para evitar tensões musculares, fadigas e surgimento de sintomatologia músculoesquelética.

Em outra pesquisa, realizada em uma indústria com 158 funcionários do ramo moveleiro, por Tsuchiya, Mendonça e Cesar (2009), pode-se observar que as mulheres apresentaram maior prevalência em comparação aos homens e, inclusive, percebeu-se a necessidade de atuação do fisioterapeuta, profissional apto não só a tratar das desordens músculoesqueléticas como, principalmente, a atuar preventivamente, orientando adequadamente o trabalhador quanto aos cuidados com a postura e a saúde, de modo a minimizar os fatores de risco de surgimento de doenças ocupacionais.

Em contrapartida, Branco et al (2011), em outro estudo com 320 professores do ensino fundamental, encontraram uma maior prevalência de sintomas músculoesqueléticos em trabalhadores do gênero masculino, concluindo que o ambiente de trabalho proporcionado aos professores não apresenta uma ergonomia satisfatória.

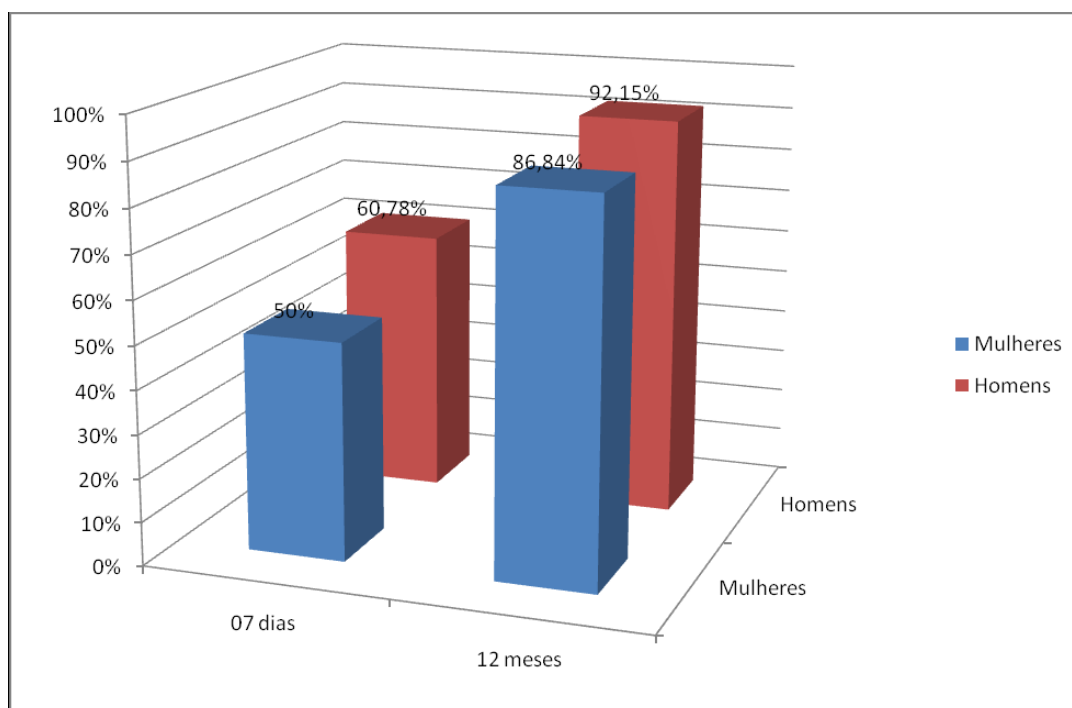


Gráfico 3: Prevalência de sintomas musculoesqueléticos em homens e mulheres tanto nos últimos 12 meses quanto nos últimos 7 dias
 Fonte: Pesquisa de campo, 2012.

Na presente pesquisa, o resultado acerca da prevalência de sintomas musculoesqueléticos, nos últimos doze meses, foi de 89,9% dos entrevistados e, nos últimos sete dias, compreendeu a 56,2%. Talvez esta alta presença de desconforto, apresentados pelos sujeitos/entrevistados, possa estar associada à fatores biomecânicos, bem como às demandas físicas no trabalho, como as posturas inadequadas, repetitivas e força exacerbadas.

No que se refere à ocorrência anual e semanal (últimos sete dias) de sintomas musculoesqueléticos, o estudo de Carvalho, Alexandre (2006) verificou que, dos 157 participantes, 90,4% apresentaram sintomas musculoesqueléticos nos últimos doze meses e 64,3%, nos últimos sete dias. Demonstraram também que vários fatores individuais e ocupacionais podem estar relacionados com sintomas musculoesqueléticos nas diferentes regiões corporais.

Brandão, Horta e Tomasi (2005) realizaram um estudo, em uma empresa bancária de Pelotas, com 502 bancários, onde a prevalência dos sintomas musculoesqueléticos foi de 60%, nos últimos doze meses, e 43%, nos últimos sete dias. Diante do resultado encontrado, deduziram que a postura de trabalho pode ser considerada um fato gerador de distúrbio osteomuscular, principalmente se associada ao uso de equipamentos inadequados.

Os resultados obtidos por Campos (2011), após respostas dos 155 servidores do Tribunal Regional do Trabalho de Goiânia, apontaram alto índice de desconfortos musculoesqueléticos tanto nos últimos doze meses (83,87%), quanto nos últimos sete dias (69%), o conduzindo à percepção de que as pessoas que não praticavam atividade física, por serem portadores de patologias, e que não realizavam atividades laborais, apresentaram as maiores incidências de desconforto musculoesquelético.

Para Oliveira (2005), o aparecimento dos sintomas musculoesqueléticos são atribuídos às reais condições que os funcionários se encontram, principalmente em decorrência ao ritmo imposto para cumprir com os objetivos e metas traçadas pela gerência superior, restando ao trabalhador utilizar seu próprio corpo, excessivamente, de forma inadequada.

Sahão et al (2011) realizou um estudo com 426 comerciários, sendo 145 homens e 281 mulheres, onde puderam observar que os trabalhadores do comércio não acreditam que o ambiente de trabalho é o fator principal e desencadeador do estresse. Entretanto, mais da metade dos comerciários consideraram que o trabalho que realizam é estressante, sendo que, da análise da maior parte das respostas, verificou-se que a sobrecarga muscular elevada é sim um fator primordial para o desencadeamento do estresse. Portanto, um trabalho com baixo nível de estresse, aumenta a autoestima do trabalhador e gera condições para o aumento da produtividade.

Do total de investigados, na pesquisa que compõe o presente estudo, 35 % responderam que a presença da sintomatologia músculoesquelético, nos últimos doze meses, impediu a realização de suas atividades da vida diária. (Gráfico 4).

Em uma pesquisa realizada por (VITTA, NERI e PADOVANI 2006), com 200 trabalhadores, constatou-se que as pessoas ativas apresentaram associação positiva com a saúde quando comparadas com pessoas sedentárias. Isto se deve aos efeitos benéficos que a atividade física propicia à saúde física e psicológica.

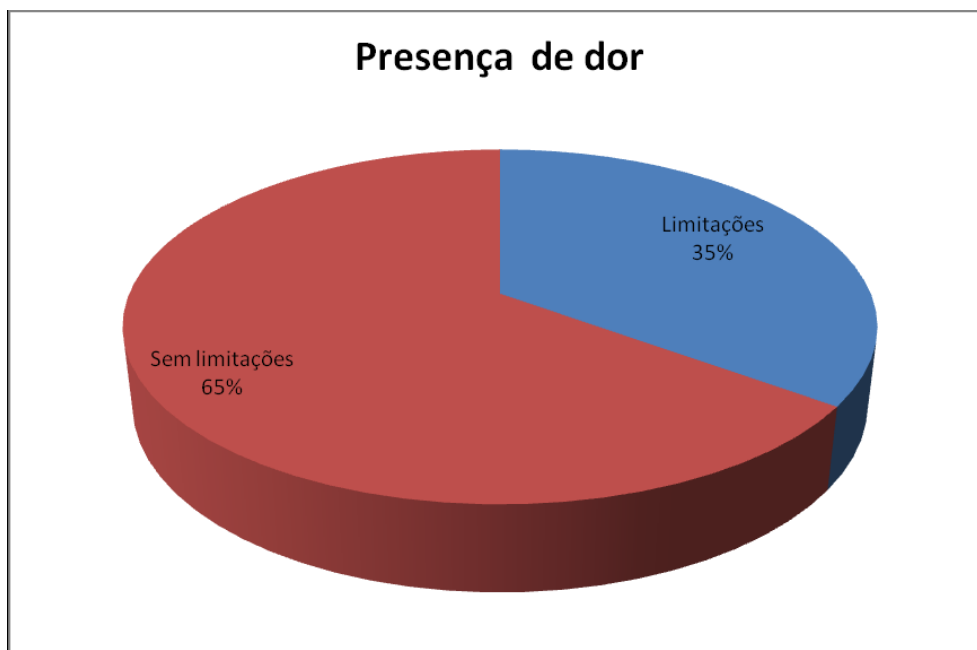


Gráfico 4: Limitações na realização das atividades diárias tais como lazer e trabalho
Fonte: Pesquisa de campo, 2012.

No estudo de Gurgueira, Alexandre e Corrêa (2003), com 105 trabalhadores, auxiliares e técnicos de enfermagem, verificou-se que 29,5% dos trabalhadores deixaram de realizar atividades pessoais, a exemplo de trabalhos domésticos e de lazer, além de relatarem que a dor estava relacionada com a movimentação e transporte de pacientes no hospital.

Picoloto e Silveira (2008) observaram, em seu estudo, alta prevalência de sintomas musculoesquelético em 268 funcionários de uma indústria metalúrgica, sendo que 35% dos trabalhadores tiveram que se afastar do trabalho, devido aos distúrbios musculoesqueléticos, e assim concluíram que as atividades de trabalho realizadas na indústria metalúrgica, causadoras dos referidos distúrbios, se caracterizavam pela presença de fatores biomecânicos, como manuseio e transporte de carga, utilização de peso/força, implicando em esforço físico e, em alguns casos, alta repetitividade, o que favorece ao aparecimento de sintomas musculoesqueléticos.

Note-se que o resultado encontrado por Picoloto e Silveira (2008) se assemelha à pesquisa realizada com os trabalhadores lojistas, que ora se defende.

Seguindo a mesma linha, Mozzini, Polese, Beltrame (2008) consideraram importante a necessidade de uma atenção global e da efetivação de estratégias ergonômicas, voltadas aos trabalhadores, com o intuito de prevenir lesões,

amenizando, assim, os sintomas álgicos, e contribuindo na melhora da condição de vida dos trabalhadores, além de, por consequência, aumentar a produtividade da empresa. Estes dados enfatizam a necessidade de implantação de medidas preventivas.

Ferraci e Valente (2010) avaliaram um programa de ginástica laboral com 15 funcionários do setor administrativo de um hospital público, onde 86,6% dos entrevistados relataram que tal programa promoveu incrementos na qualidade de vida e na redução da dor musculoesquelética.

Por tudo quanto exposto, resta evidente que são diversas as causas do aparecimento dos sintomas musculoesqueléticos, o que dificulta à mensuração da origem, mas não diminui a necessidade de identificar possíveis fatores que podem acarretar o seu surgimento, pois a atuação preventiva pode resolver o problema, enquanto que a percepção tardia apenas repara.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em que pese o Questionário Nórdico, para análise de sintomas musculoesqueléticos, ter sido desenvolvido há quase duas décadas, é ainda, um instrumento utilizado como referência em diversos estudos, principalmente envolvendo a saúde do trabalhador, a exemplo das categorias dos profissionais de saúde, industriários, comerciários, dentre outros. É de fácil compreensão e aplicação e apresenta bons índices de confiabilidade.

Constatou-se, neste estudo, que os trabalhadores lojistas apresentaram uma elevada prevalência de sintomas musculoesqueléticos, sendo os membros inferiores a região mais acometida. Além disso, verificou-se que a presença dos referidos sintomas predominou em homens.

Efetivamente, o objetivo do estudo foi avaliar a prevalência de sintomas musculoesqueléticos, mas numa visão instantânea da realidade, sem inferir na relação causa-efeito. Assim, o estudo buscou demonstrar, através de dados epidemiológicos, a real situação que se encontra uma parcela dos trabalhadores do comércio lojista no tocante ao aumento da sintomatologia musculoesquelética, alertando para a necessidade do cuidado, bem como para a importância da realização de novos estudos, baseados na saúde do trabalhador.

REFERÊNCIAS

AFONSO, Tiago Alechandre Alves. **Prevalência de sintomas músculo-esqueléticos em estudantes de Medicina dentária e médicos dentistas**. Licenciatura (Fisioterapia)-Escola Superior de Saúde-UFP, Porto, 2011.

DIONÍSIO, Felipe Nunes et al. **Avaliação de características ergonômicas, capacidade para o trabalho e desconforto músculo-esquelético na central de distribuição de materiais de um hospital de clínicas no estado de MG**. Rev. Ação Ergonômica, Minas Gerais, v. 6, n. 1, 2011, p. 116-125.

BARR, Ann E.; BARBE, Mary F.; CLARK, Brian D. **Work-Related Musculoskeletal Disorders of the Hand and Wrist: Epidemiology, Pathophysiology, and Sensorimotor Changes**. J Orthop Sports PhysTher [s.l], v. 34, n.10 2004, p. 610-627.

BARROS, E. N. C.; ALEXANDRE, N. M. C. Cross-cultural adaptation of the Nordic musculoskeletal questionnaire. **International Nursing Review**, v. 50, n. 2, 2003, p. 101-108.

BRANCO, Jerônimo Costa Branco et al. **Prevalência de sintomas osteomusculares em professores de escolas públicas e privadas do ensino fundamental**, Rev. Fisioterapia Movimento. Curitiba, v. 24, n. 2, 2011, p. 307-314.

BRANDÃO, Andréa Gonçalves; HORTA, Bernardo Lessa; TOMASI, Elaine. Sintomas de distúrbios osteomusculares em bancários de Pelotas e região: prevalência e fatores associados. **Rev. Bras. de Epidemiologia**, Pelotas, v. 8, n.6, 2005, p. 295-305.

CAMPOS, Rodrigo da Silveira. Avaliação dos desconfortos musculoesqueléticos e da capacidade para o trabalho em servidores do tribunal regional do trabalho de Goiânia. **Dissertação** (Mestrado em Ciências da Saúde)-Universidade de Brasília, Brasília 2011.

CARVALHO, A.J.F.P; ALEXANDRE, N.M.C. Sintomas osteomusculares em professores do ensino fundamental. **Rev. Bras. de Fisioterapia**. São Paulo, v.10, n. 1, 2006,p. 35-41.

FERRACINI, Gabriela Natália; VALENTE, Flávia Mariana. Presença de sintomas musculoesqueléticos e efeitos da ginástica laboral em funcionários do setor administrativo de um hospital público. **Rev. Dor**. São Paulo, v.11, n. 3, 2010, p.233-236.

FERNANDES, Marcos Henrique; ROCHA, Vera Maria; OLIVEIRA, Angelo G. Roncalli da Costa. Fatores associados á prevalência de sintomas osteomusculares em professores. **Rev. Saúde Pública**, Rio Grande do Norte, v. 11, n. 2, 2009, p. 256-267.

FONSECA, Rosário; SERRANHEIRA Florentino. Sintomatologia musculoesquelética auto-referida por enfermeiros em meio hospitalar. **Rev. Portuguesa de Saúde Pública**, v. 6, n.1, 2006, p. 37-44.

GHIOTTO, Grasiela; SARAIVA, Marta Casagrande. **A prevalência de sintomas osteomusculares em trabalhadores de uma indústria metalúrgica da Serra Gaúcha**, RS, Rio Grande do Sul, 2011, [não paginado] disponível em: <http://ged.feevale.br/bibvirtual/Artigo/ArtigoGrasielaGhiotto.pdf>, acesso em 20 mar 2012.

GURGUEIRA, Giovana Pimentel; ALEXANDRE, Neusa Maria Costa; CORRÊA, Heleno Rodrigues Filho. Prevalência de sintomas musculoesqueléticos em trabalhadoras de enfermagem. **Rev. Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 11, n. 5, 2003, [não paginado].

JORGE, Maria do Carmo Teixeira Carvalho. A postura de trabalho em pé: um estudo com trabalhadores lojistas. **Dissertação** (Mestrado em Engenharia de produção)- Universidade Federal de Santa Catarina Florianópolis, 2003.

MACIEL, Álvaro Campos Cavalcanti; FERNANDES, Mariana Barros; MEDEIROS, Luciana Souto. Prevalência e fatores associados á sintomatologia dolorosa entre profissionais da indústria têxtil. **Rev. Bras. Epidemiol.** São Paulo, V. 9 n. 1, 2006, [não paginado].

MOTA, Rayana; DUTRA, Diego Scalla Gonçalves; BARBOSA, Fabiano S. Estudo da prevalência de algias na coluna vertebral em colhedores de café do município de vieiras- MG, **Revista Ponto de Vista**, Minas Gerais, v. 5, 2007, p. 99-110.

MOZZINI, Carolina Barreto; POLESE, Janaine Cunha; BELTRAME, Mara Rubia. Prevalência de sintomas osteomusculares em trabalhadores de uma empresa de embalagens metálica e em Passo Fundo RS. **Rev.Bras. de promoção da saúde**, Rio Grande do Sul, v.21, n. 2, 2008, p. 92-97.

OLIVEIRA, Paulo Antonio Barros. Ergonomia e organização do trabalho: O papel dos espaços de regulação individual e social na gênese das LER/DORT. **Boletim da Saúde**, Porto Alegre, v. 19, n. 1, 2005, p. 31-38.

PICOLOTO, Daiana; SILVEIRA, Elaine da. Prevalência de sintomas osteomusculares e fatores associados em trabalhadores de uma indústria metalúrgica de canoas – RS. **Rev. Ciência e Saúde Coletiva**. Canoas RS, v. 13, n.2, 2008, p 507-516.

PINHEIRO, Fernanda Amaral; TRÓCCOLI, Bartholomeu Torres; CARVALHO, Cláudio Vieveiros de. Validação do questionário nórdico de sintomas osteomusculares como medida de morbidade. **Rev. de Saúde Pública**. [s.l.], v. 36, n. 3, 2002, p.307 – 31.

RIBEIRO, Carla Vaz dos Santos; LÉDA Denise Bessa. O significado do trabalho em tempos de reestruturação produtiva. **Estudos e pesquisa em Psicologia**, Rio de Janeiro, v 4, n.2, 2005.

SAHÃO, Bruna Precinottiet al. A interferência do Estresse na Vida Profissional dos Comerciantes do Calçadão de Londrina e Arredores. **XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul**. Londrina- PR Maio 2011.

SERRANHEIRA, Florentino et al. Auto-referência de sintomas de lesões músculo-esqueléticas ligadas ao trabalho (LMELT) numa grande empresa em Portugal. **Rev. Portuguesa de Saúde Pública**. [s.l.]. V.21 n. 02, 2003 p. 37-47.

SILVA, Fabiana Caetano Martins. Experiência da dor crônica: compreendendo as repercussões na participação de trabalhadores. **Dissertação** (Mestrado em Ciências da Reabilitação)- Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2007.

SIRQUEIRA, Gisela Rocha de; SILVA, Anniele Martins; VIEIRA, Ricardo Alexandre Guerra. Dores músculo-esquelética em estudantes de odontologia. **Rev. Brasileira em promoção da saúde**, fortaleza v. 23, n. 2, 2010, p. 150-159.

SOUZA, Bianca Cristina Conceição de. **As lesões relacionadas ao trabalho no programa da saúde ocupacional**. Fisiowebwgate, [2006?]. Disponível em: http://www.wgate.com.br/conteudo/medicinaesaude/fisioterapia/variedades/ocupacional_bianca.htm. Acesso em: 22 mar. 2012.

TSUCHIYA,HugoZenji Costa; MENDONÇA Cintia Sabino Lavorato; CESAR, Ana Cristina Gobbo. Associação entre Caracteristicapessoai, organização do trabalho e presença de dor em funcionários de uma indústria moveleira. **Rev. Fisioterapia e pesquisa**. São Paulo, V. 16, n. 4, 2009, p. 294-298.

VITA, Alberto de; NERI, Anita Liberalesso; PODOVANI Carlos roberto. Saúde percebida em homens e mulheres sedentários e ativos, adultos jovens e idosos. **Rev. Salusvita Bauru**, v. 25, n. 1, 2006, p. 23-34 20.